

# **SERPENTE TATUADA**

**Romance policial**

**Mais um enigma para o detetive Alyrio Cobra**

**Vera Carvalho Assumpção**

“O grafite, como a vida, é a arte que se refaz o tempo todo.”

Ana Maria

1.

**Quinta feira, 14 de abril (quaresma): à tarde.**

Grace desligou o celular. Sentiu uma felicidade tão grande que mal conseguia evitar lágrimas embaçando-lhe a visão.

Limpou os olhos com os dedos. 15h57no celular. Às 20 horas estaria nos braços de Wagner. Um estremecimento muito bom percorreu-lhe as entranhas. Era preciso esconder a emoção. Fixou o olhar na tela do computador. Não tinha condições de fazer mais nada. Pairava numa nuvem de felicidade.

Do telefone do escritório, ligou para a cabeleireira. Avisou que iria para lá imediatamente. Precisava ser atendida com rapidez.

O celular tocou mais uma vez. Grace atendeu. Desta vez, era Hugo A reunião na firma que representavam havia terminado. Retornaria ao escritório o mais rápido que conseguisse.

- Que bom que terminou e você vem para o escritório. Amanhã tem o almoço lá em casa e preciso ajudar a minha mãe com as compras. - Grace precisava conter o entusiasmo. Hugo poderia intuir o que ela esperava da noite com outro homem que não ele.

Naquele momento, no outro lado da cidade de São Paulo, Hugo acabava de sair da empresa e entrava no carro.

- Se você puder esperar, estarei aí o mais rápido que o trânsito permitir. - Falou enquanto afivelava o cinto de segurança. Recordou-se que no dia seguinte haveria o almoço no apartamento da mãe da Grace e das irmãs. Iriam conhecer a família do segundo marido da irmã mais velha. Sentindo o cinto de segurança mais apertado do que o normal, suspirou. Seria um programa muito desagradável. A voz macia de Grace, entretanto, fez com que se sentisse melhor e pusesse o carro em movimento.

Enquanto isto, no escritório, Grace cruzava as pernas e lançava um olhar maroto e promissor para Paulinho, seu auxiliar.

- Aqui está tudo em ordem. – Grace sussurrou no celular - Qualquer problema, Paulinho resolve.

Despediu-se e desligou. Enganar Hugo era o mais fácil. Ele era seu patrão e o homem com quem dormia a maior parte das noites. Embora fosse uma relação conhecida por amigos e parentes, não gostava de dizer que era seu namorado porque não gostava dele. Gostava do que ele lhe proporcionava. Aguentava as trepadas porque ele a sustentava com tudo o que ela queria. Foi ele quem pagou o apartamento em que vivia sua mãe. Também comprou o Corolla prateado que Grace tanto amava. Proporcionava-lhe o emprego muito bem remunerado onde não tinha horário nem obrigações.

Grace sentiu que as lágrimas haviam secado.

Recostou-se na cadeira, segurou a pequena estrela brilhante que pendia da correntinha no seu pescoço e deixou o prazer antecipado do encontro daquela noite entranhar-se no seu ser. Um dia sua vida seria contada numa das novelas de uma emissora bem famosa. Era mais esperta e inteligente do que a maioria das heroínas que venciam na vida e se tornavam mulheres ricas e poderosas. Tinha consciência de que era capaz de fazer qualquer homem se apaixonar por ela. Gostava de sentir o olhar de desejo que despertava nos homens, mas não gostava de se apaixonar, de se prender tolamente a um homem.

Começou a arrumar suas coisas na bolsa enquanto pensava que Wagner estava balançando seu coração. Era o alvoroço da novidade. Com o tempo, iria lhe trazer lucro. No momento, ele lhe dava um tremendo tesão. Tinha certeza de que também ele sentia um desejo alucinado por ela. Esta certeza a deixava feliz e alvoroçada. Estava com muita vontade que ele acariciasse cada parte do seu belo corpo. Iria fazer com que ficasse enlouquecido. Disposto a qualquer coisa por ela.

O celular tocou interrompendo seus pensamentos.

No visor estava o nome: Danilo.

Danilo, um amor antigo que naquele momento lhe pareceu um pouco enfadonho. Às quintas-feiras ele sempre a esperava e haviam vivido noites agradáveis. No entanto, naquela tarde de quinta-feira, não atenderia o chamado, nem iria vê-lo.

Deixou o celular tocar.

Percebeu que ele deixara uma mensagem. Escutou-a, despediu-se dos funcionários, foi até o estacionamento. Lamentou que Danilo fosse ficar

esperando e apressou-se para sair antes que o patrão retornasse. Ele teria a noite livre, com certeza sairia com sua turminha de usuários de drogas. Quem sabe não seria o tão sonhado dia da overdose. Aquele pensamento fez com que aflorasse no rosto dela um leve sorriso.

Ao apertar a chave e sentir o carro se abrir para ela, um arrepio de prazer passou pelo seu corpo. Desde que ganhara o Corolla jamais deixou de sentir aquilo cada vez que se aproximava do carro e o abria.

Entrou e colocou-o em movimento.

Enquanto dirigia, ela foi pensando nas noitadas do patrão. Que homem forte. Chegava a ser irritante aquela fortaleza. Ele usava drogas numa quantidade que mataria um cavalo e continuava firme. Diante daquele pensamento, fez uma concentração visualizando-o cheirando muita cocaína. No entanto, ela já estava cansada de esperar pelo efeito definitivo. Ele havia deixado a droga por uns poucos meses quando o pai morreu, movido por um sentimento de culpa. Logo depois, Grace foi facilitando, incentivando, e ele retomando o uso da cocaína. Não fosse a bruxa da mãe dele que vivia falando feito uma matraca e toda hora ia lá ver se ele estava bem, já teria tomado a overdose.

Ela deu uma piscada mais vagarosa, exalou um suspiro. Não era hora de se enervar pensando na bruxa. Não iria permitir que rugas nascessem em sua face.

Estacionou o carro na porta da cabeleireira.

- Meninas! Tenho um encontro fantástico. Preciso sair daqui muito linda antes das seis e meia. – Grace entrou beijando as meninas, exibindo uma felicidade transbordante.

As meninas se agitaram. Uma lavou-lhe a cabeça enquanto outra já começava a trabalhar em suas mãos e outra nos seus pés. Secaram seus cabelos fazendo uma escova com chapinha que o deixou maravilhoso. Ela olhou no espelho balançando-o e sorriu ao imaginar-se fazendo aquele gesto na frente de Wagner.

Quando já estava pagando, uma das cabeleireiras mostrou-lhe uma blusa preta, com um generoso decote. Ela pensou que Wagner iria amar vê-la naquela roupa. Estava usando uma blusa branca com um decote parecido que realçava a correntinha de ouro e brilhantes que Hugo havia lhe dado. Com a

blusa preta, o pingente de estrela ficaria muito melhor. Colocou a blusa na sacola, tirou da carteira o cartão de crédito e pagou.

Saiu do cabeleireiro, entrou no carro, colocou-o em movimento.

Sentia-se muito feliz com a própria aparência. Dirigia pensando que passaria em casa, tomaria um banho bem rápido para não estragar o cabelo, colocaria a blusa preta que acabara de comprar com uma calça que combinasse. Usaria um fantástico perfume. Havia comprado um vidro enorme do último lançamento de uma grife famosa. Para cada homem gostava de ter um perfume diferente. Antes de tomar o rumo de casa, precisava passar num local para fazer negócios. Apesar do tesão por Wagner, não podia deixar de lado seus interesses financeiros. Estava num momento da vida que, apesar do patrão ter se tornado um idiota, fazendo tudo o que ela mandava, precisava de um pouco mais de autonomia. Precisava fazer com Wagner o que fazia com outros homens com quem saía. Também precisava facilitar cada vez mais as coisas para que Hugo se fosse numa viagem de pó. Como sua mãe sempre a ensinara, homens serviam para serem explorados. Pagarem contas!

Dirigindo seu Corolla, sorriu para o nada pensando que em pouco tempo ia ser muito poderosa. Sua vida iria ser contada numa história de novela. Logo que se livrasse de Hugo, contrataria uma jornalista das boas. Pensando por onde começaria a ditar suas aventuras, mais uma vez concentrou-se na possibilidade de Hugo passar a noite nas costumeiras farras e desta vez finalmente tomar a overdose. Só faltava isso para ter todos os seus sonhos realizados.